

RASTROS

Tatiana de Freitas Massuno¹

tatiana.massuno@gmail.com

Sou uma pessoa sem fotos. Não há nenhuma. Procurei dentro dos armários, de caixas, até de livros. Na verdade, há sim...há uma. Uma única, dentro de uma agenda antiga. Uma foto amarelada. Agora vejo. Única foto minha. De uma época da qual nem me recordo. De uma época sem lembranças, sem memórias, sem palavras. Tenho uma lembrança de uma época sem lembranças. Da época de lembranças tenho sons, cheiros, sensações - tudo aquilo que, quando morrer, morrerá comigo. Não, não deixarei rastro algum. Desaparecerei com a fumaça (ou como fumaça) e, quando meu corpo se transformar em cinzas guardadas em um *container* qualquer, serão minhas cinzas as únicas provas de que existi. De que houve um corpo que se queimou completamente. De que as cinzas eram de um componente orgânico: meu corpo. Comigo irá tudo: sons, cheiros, sensações, palavras.

Com o pensamento fixo no esmorecimento do meu ser, sinto o cheiro da fumaça que sobe e o fogo lambendo a figura de um pequeno bebê de roupa rosa. Um bebê nem sorridente, nem triste. Assim a vida inteira? Nem bonito, nem feio. Um bebê. Um qualquer. Igual a qualquer outro bebê que não seja nem bonito, nem feio, nem sorridente, nem triste. Um bebê que nem sabia que alguns anos depois estaria, ele, velho, a olhar aquela foto, olhando e se perguntando: mas fui eu? Essa pequena mão é a mesma que agora segura a foto? Esse olho é o mesmo que agora me vê? Fui eu? Sou eu? O fogo avançava e, repentinamente, um pensamento cruzou a mente – com essa foto acabava tudo! Era isso mesmo? Não deixaria nada. Seria engolfada no sem número de seres que andaram pela terra sem ao menos deixar uma marquinha sequer. Sem deixar fotos, livros, pensamentos, palavras, amigos, família, filhos. De um dia para o outro, seria lançada no nada daqueles dos quais nem se sabe o nome. De um dia para o outro. E, do nada, seria ele, o bebê da foto, eu, a velha que olha, nós dois seremos isso: nada. Olhava a foto ser consumida pelo fogo. Atentamente. Quase sentia que aquela chama queimava também a sua pele, ardia por dentro, fervilhando seu sangue, e, numa mistura de ansiedade, inquietude e medo, viu a chama se apagar. E depois...nada.

¹ Doutora em Letras (Literatura Comparada) – UERJ.